

AL velou corpo de Agripa Vasconcelos

Estado de Minas. BH, 23.1.1969

Minas perdeu ontem uma ilustre figura humana, Agripa Vasconcelos, que, além de médico, era escritor de renome e membro da Academia Mineira de Letras. Agripa deixou uma vasta obra literária, destacando-se romances históricos que narram os fatos acontecidos nas Gerais durante o ciclo do ouro e dos diamantes. Seu corpo foi velado no plenário da Assembléia Legislativa, onde o governador Israel Pinheiro e o vice-governador Pio Canedo estiveram às 15 horas.

Martins de Oliveira, em seu livro "História da Literatura Mineira", enquadra Agripa Vasconcelos entre os maiores de nossa literatura, e, referindo-se à sua poesia, salienta que "no poeta existe não o sentido de libertação do verso que, para sua privilegiada inteligência, nunca foi escravo, mas a plasticidade da frase, embora sem o desprezo dos cânones da língua, que se transformava em suas mãos em instrumento puro da arte e ao mesmo tempo, em veste admirável da ideia".

Agripa Vasconcelos nasceu em Matozinhos dia 12 de abril de 1902 e era filho do dr. Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos e de d. Orminda Guimarães Vasconcelos.

Como acontece a todos que vivem nas pequenas cidades do interior de Minas, transferiu-se para Juiz de Fora, onde iniciou seus estudos e, naquela cidade, concluiu o curso, depois de se destacar no Grambery como um de seus melhores alunos, tendo cursado ainda o Colégio Azeredo, no Instituto Fundamental de Belo Horizonte.

Em Juiz de Fora, foi aluno de Brant Horta, João Massena e Mário Magalhães, dos quais veio a ser colega na Academia para onde entrou, em 1922.

De Minas se mudou para o Rio de Janeiro, logo que descobriu que sua vocação era a medicina, prestando exames de madureza na Faculdade de Medicina, onde foi aprovado com distinção em todas as cadeiras.

Numa prova de História Geral, Agripa Vasconcelos saiu-se tão bem que Afrânio Peixoto, seu examinador, quis conhecê-lo pessoalmente, nascendo do primeiro contato uma amizade que iria continuar até a morte de Afrânio.

Na Medicina

No Rio, outra grande amizade de Agripa Vasconcelos foi Coelho Neto, que mais tarde seria seu padrinho de casamento.

Destacando-se durante o curso como brilhante aluno, sempre atento aos ensinamentos dos mestres e aplicado nas pesquisas, foi escolhido como orador da turma, proferindo, um brilhante discurso.

Depois de se formar, Agripa Vasconcelos retornou a Minas Gerais e, por alguns anos, exerceu a medicina, em Sete Lagoas, onde angariou a amizade da população e, principalmente, dos mais humildes, que tinham nele um conselheiro e amigo.

Era ele mesmo quem dizia: "A profissão de médico rural, que fui no começo, me aproximou do povo, da ralé desclassificada e dos humildes sem justiça. Quando examino algum deles, procuro conhecer vida e hábitos, o linguajar, as lendas e o folclore de sua região".

Poucas pessoas conheciam Minas Gerais tão bem como Agripa e o entrosamento entre o médico e o escritor é que iria marcar para sempre suas obras de cunho histórico.

Especialista em cirurgia, ele mais tarde se transferiria para Pernambuco onde, em Recife, passaria a exercer sua profissão durante 19 anos. No Norte, Agripa Vasconcelos trabalhou como médico do Banco do Brasil e do Instituto de Açúcar e do Alcool, regressando depois a Minas.

Agripa Vasconcelos dividiu suas funções entre a clínica, a literatura e os trabalhos científicos e, nesse último campo, ele publicou um estudo sobre a doença de que morreu Aleijadinho.

Na literatura

Em vida, Agripa Vasconcelos foi um apaixonado pelas letras e sua bagagem literária é grande. No romance histórico destaca-se a coleção que compreende as "Sagas do País das Gerais", onde fez o romance dos ciclos do latifúndio, da agropecuária, do povoamento, do ouro, dos diamantes e da escravidão.

O primeiro volume da coleção é "Fome em Canaã", onde o tema é o latifúndio nas matas do vale do Rio Doce. Depois, "Sinha Braba" e "Vida em Flor de D. Beja", onde se

narra o povoamento da região em que está Araxá, com o deslocamento dos colonos em busca de novas terras, a luta contra os índios, os quilombos e que tem como personagem central a lendária figura de D. Beja.

O quarto romance publicado por Agripa Vasconcelos foi "Gongo Sôco" e faz parte do ciclo da mineração. O título do livro vem de uma mina milagrosa, que chegou a fornecer, durante dois anos, quinze libras de ouro por dia. O cenário do romance é a região das minerações de ouro nas Minas Gerais, mostrando o homem em sua luta pela riqueza, sua ganância, o ódio e a miséria.

No romance

Para focalizar o ciclo dos diamantes, Agripa usou Chica da Silva. No entender do crítico Neil Ribeiro da Silva não existe retrato mais fiel dessa porção do passado mineiro, para cujo levantamento recorreu o autor a tudo quanto lhe pudesse fornecer informações, testando-lhes a exatidão por quantas contraprovas encontrasse. O livro chama-se "Chica que Manda".

"Chico Rei" é o romance do ciclo da escravidão e nele, cada vez mais apurada, se demonstra a técnica narrativa de Agripa Vasconcelos: clara, precisa, cheia de termos regionais e retratando, na medida do possível, o linguajar típico das regiões onde se desenrolam os romances.

Na poesia

Na poesia de Agripa Vasconcelos também se destacou o seu primeiro livro — "Silêncio" — embora não reeditado, lhe assegurou um lugar de destaque entre os melhores poetas do País.

Depois da estreia, viriam outros livros, sempre um superando o outro no apuro da técnica poética. Entre eles destacam-se: "Nós e os Caminhos do Destino", "A Morte do Escoteiro Caio", "Suor de Sangue" (Prêmio Olavo Bilac, 1949), "Negro Velho", "A Sementeira nas Pedras".

Questão de ternura

Martins de Oliveira afirma que Agripa Vasconcelos vale-se da ternura, que é uma forma de amenizar a dureza da vida, naquilo que ela tem de mais áspero. Mas não deixava de expor, em seus versos, a filosofia amarga das verdades eternas.

Num de seus livros — "A Sementeira nas Pedras" — demonstra exatamente essas palavras de Martins de Oliveira, nos versos:

"Pois quem semeia em co-
rações humanos
Semela em pedras, e, sem
mais enganos,
Pode julgar perdida a se-
menteira."

Mas, além da medicina, da ficção, da poesia e dos trabalhos de cunho científico, Agripa Vasconcelos ainda publicou livros de ensaio literário como: "Alphonsus de Guimarães e o Simbolismo Brasileiro".

No fim de sua vida, já escritor dos maiores, ele nunca fugiu — segundo afirmou Neil Ribeiro — à imposição do ofício das letras e, pelo contrário, escreveu de tal forma, que o leitor jamais se cansou ao ler seus livros, seguindo-os até o fim, preso pela própria força de cada episódio, que forçosamente impede para o seguinte numa sucessão ágil, sem grande preocupação pela cronologia miúda e enfadonha, com que nada perde a História e muito ganha a Literatura.

Sua família

O escritor e médico Agripa Vasconcelos era casado com d. Henriqueta Tolentino Vasconcelos e deixa os seguintes filhos: Marco Antônio, Leonardo Agripa, d. Mara Mansini, d. Ophir Comini.

Seus irmãos, conhecidos da nossa sociedade, são: dr. Ulisses Gabriel de Vasconcelos, casado com a dra. Maria Nancy Vasconcelos; dr. Aulus Vasconcelos, casado com d. Maria Vasconcelos; dr. Júlio César Vasconcelos, casado com d. Ilma Vasconcelos; Gabriel Ulisses Vasconcelos, casado com d. Maria Vasconcelos; d. Júlia Franciscolo, casada com Adriano Franciscolo, e d. Joanita Vasconcelos Monteiro. Foi enterrado ontem, sob chuva, no fim da tarde, no Cemitério do Bonfim, sendo acompanhado por escritores, poetas, médicos e figuras ligadas aos círculos sociais, literários, financeiros e políticos.

ANTONIO LUIS DOS REIS

Fal. em Cantagalo, 18 agosto 1883. Guarda-livros. Colaborou na Gaz. de Not., Rio, onde, no principio do jornal, fazia a seção de charadas. Traduziu peças de teatro. Escreveu em jornais de caricaturas, sendo proprietário de um deles.

(Gaz. Not., Rio, agosto de 1883, ed. semanal)